

I

Ainda que Maria Emília nunca o tenha entendido com clareza, foi aquele espelho que lhe abriu o destino. Até aí vivera meigamente, apascentando vacas e coçando a cabeça onde a gordura escurecia o nó loiro das tranças. Existira na bênção saudável e pesada que cobre as flores e os homens a quem o sol desperta e a noite faz horror.

Crescera devagar, sem que ninguém parecesse dar por isso. A mãe vivia um pouco enlouquecida entre as frutas, os porcos e as horas de mungir. Fora uma bela noiva, mas partos obsessivos, com muitos filhos mortos, haviam-na escavado, deixando à vista os ossos e as linhas dos nervos que lhe desciam pelo peito, rígidas.

Maria Emília fora a primeira dos três sobreviventes e, ao contrário do que pareceria natural, os pais nunca lhe haviam dedicado uma afeição gulosa. Esperavam furiosamente um filho macho que lhes veio a nascer, franzino e descorado, quando a Segunda Guerra devastava a Europa. Maria Emília e Laura, as duas raparigas, gozaram por um tempo desse desdém caseiro, uma quase indiferença que lhes escancarava a grande liberdade dos pinhais e dos rios.

Quando João nasceu, Maria Emília tinha doze anos e a irmã completaria sete nesse Inverno. O menino atraiu todo o amor que até ali andara espairecido e que punha na sombra e nas madeiras uma fosforescência alucinada. O sorriso do pai tornara-se concreto. Afrontou o Senhor com a sua inocência, violando os domingos e os outros dias santos com as suas mãos duras de pedreiro.

Fazia muros, chaminés, alpendres, rebocava paredes que o tempo ancilosara. Queria juntar dinheiro para o filho. Embora nesses anos os géneros faltassem, nas vivendas dos ricos encontrava trabalho em dias proibidos ao amanhã das terras. Cobrava mais barato do que os pedreiros de profissão nas redondezas. E aproveitava para vender ovos, queijos resplandcentes, criação.

Escavou um buraco na cozinha, junto à lareira onde se amontoava a lenha para o forno. Aí acumulava os ganhos que não vinham dos trabalhos do campo. Como deixara de assistir às missas, foi-se esquecendo aos poucos dos preceitos subtis da religião. Abençoava as filhas com lenta autoridade e erguia João de encontro à lua cheia.

Os primos e as cunhadas viam-lhe com maus olhos crescer a avareza e o paganismo. Falaram à mulher mas desistiram. Maria de Jesus tinha no rosto a mesma luz cruel e misteriosa do marido. Andava levemente, como se receasse acordar sob o chão sepulcros esquecidos. Vigiava de noite, estendendo alvoroçadamente a mão para o pequeno berço de madeira. Quando as filhas não estavam, corria pelos quartos a queimar alecrim.

Também Laura ficara seduzida pelo aparecimento de um irmão. No seu pequeno peito começara a bater um ritmo materno. Maria de Jesus trabalhava no campo, criava os animais, fazia queijos e lavava no rio roupa de cinco casas.

Com instinto certo, escolheu Laura para cuidar do filho durante a sua ausência.

Maria Emília, inexplicavelmente, porque nada tivera que lhe pudesse vir a ser roubado, sentiu morder no sangue a cobra do ciúme. Apaixonou-se pelas vacas, dando-lhes nomes ternos, levando-as para longe, para os grandes espaços onde as ervas cresciam levantando consigo os líquidos da terra.

Com o tempo, passou a querer bem ao irmão. Mas sempre que podia fugia àquele convívio, visitava a madrinha. E não lhe desgostava ouvi-la invocar Deus, erguendo os claros braços carcomidos contra o escândalo de uns pobres camponeses criando um filho com ardores de príncipes.

— Ah, esse rapazinho! — dizia Emília Inácia. — Dá com vocês em doidos. Tu achas isso bem, menina, diz?

— O quê, minha madrinha? — interrogava Maria Emília, brandamente. Parecia distraída e no entanto toda a sua energia se desviava para aquela conversa que lhe dava prazer e medo de pecar.

Emília Inácia tinha o ar de um pássaro, de olhos azuis, redondos, sempre inquietos, saltitando na busca de novos campos de visão. O nariz, que a idade tornara fino e quase transparente, tinha a curva das águias. A pele encarquilhada conservara-se doce, mas caía em cascatas sobre o pescoço curto, tornando-lhe os contornos do rosto imprevisíveis.

Quatro Invernos atrás, convidara os amigos para a festa dos seus noventa anos. Vivia solitária num velho casarão de que ninguém conhecia os aposentos, para além da enorme sala do rés-do-chão em que ela oferecia licor velho às visitas e da cozinha de lajes com porta para o quintal por onde lhe chegava uma mulher com as compras.

Esta mania de manter secreta a maior parte das divisões da casa era o assunto favorito das criadas vizinhas. E a

mulher das compras tornara-se nervosa pelo jogo sem fim que mantinha em silêncio com a velha, buscando-lhe o chaveiro em todos os lugares, se a via voltar costas.

«Há pó de cinquenta anos dentro daqueles quartos» — comentavam, exaustas, no mercado, descansando no chão as alcofas pesadas. As patroas mais velhas, que ainda assim poderiam ser filhas de Emília Inácia, nunca tinham ouvido comentários sobre as portas fechadas ou qualquer outro pormenor da sua vida. Mas uma espécie de conhecimento comum era por todos partilhado na vila: Emília Inácia fora no seu tempo a mais bela mulher de Portugal e abrira o leito a reis e cardeais. Quando o viço cessara, comprara o casarão e trancara-se nele, imersa no sossego de uma vila ignorada.

Fora a mãe de Maria de Jesus quem começara por lavar-lhe a roupa. Com a idade, os ossos deformaram-se-lhe e passou para a filha esse trabalho. Quando Maria Emília lhes nasceu, Maria de Jesus e António Silvestre convidaram a velha para madrinha, prevendo que a fortuna que ela decerto possuía lhes iria parar dentro de casa. Ninguém lhe conhecia herdeiros vivos.

Emília Inácia dedicara-se à afilhada a seu modo, de longe, muito soberanamente. Recebia-a à mesa da cozinha, dava-lhe doces e algum dinheiro pelos anos. Tinha com ela conversas vagas e assustadoras. Falava de palácios, de caves inundadas, de subterrâneos onde os morcegos soltavam guinchos. Contava histórias tristes de donzelas, consumidas em crime e paixões sumptuosas. Revolvía a memória, desenterrando padres que ardiam no Inferno em paga de pecados que boca humana alguma se atreveria a nomear. E evocava os paços, as caçadas reais, os corredores vermelhos onde os vestidos de damasco roçagavam e altos homens loiros, de suíças, dobravam fundamente as cinturas amáveis.

Maria Emília abria os grandes olhos onde a sua beleza ganhava já terreno e engolia, estremecendo, um bolo de canela. A madrinha encostava-se um pouco mais no cadeirão de verga e suspirava amarguradamente. Fatigava-se muito e empalidecia ao som da sua própria voz aguda que desfiava assim os mundos mortos.

A afilhada levantava-se em silêncio e beijava-lhe a mão onde um enorme anel era sustido pelas articulações doentias do dedo. E fazia o caminho para casa, esmagando nos botins os cardos das veredas, sacudindo dos ombros as tenebrosas evocações da velha.

Na manhã em que fez dezasseis anos correu a visitá-la. O mês de Maio começara voluptuoso, carregado de flores e de aves bêbedas. Maria Emília pusera o seu melhor vestido, de chita amarelo-vivo, em que a goma puxava um brilho seco às pregas.

O caminho era longo e a brisa da manhã levantava no ar os cheiros novos, círculos de ouro e pó que inchavam os sentidos. Um vapor transcendia fartamente do chão. Maria Emília cantarolava baixo. Quando avistava alguém calava-se, indignada com a sua alegria inexplicável. Ao atingir a vila, estava presa de um certo mau humor. Na casa da madrinha parecia-lhe antever um fosso gelado, eriçado de prantos e fantasmas.

Como era seu costume, entrou pelo quintal onde as árvores de fruto haviam retomado os seus odores selvagens por não serem tratadas havia meio século.

Estava fechada a porta da cozinha. Bateu com dedos tímidos. Uma ligeira apreensão picou-lhe as frentes. A velha apareceu, pequeno vulto negro de encontro à luz aquosa das paredes. Abriu com as mãozinhas estranhamente firmes o fecho enferrujado. Maria Emília sentiu o bafo ardente dos biscoitos de mel.